



Uma Amazônia ecodistópica em *Kanopé*, de Louise Joor

Márcio dos Santos Rodrigues
Suellen Cordovil da Silva

Resumo:

Kanopé é um quadrinho publicado originalmente em língua francesa, escrito e desenhado pela autora belga Louise Joor a partir de 2014. Tendo atualmente 2 volumes, esse quadrinho nos apresenta um cenário desolador, em que a Amazônia, após um acidente nuclear, passa por uma espécie de mutação. O espaço da Amazônia figura como uma ideia de resistência às constantes mudanças naturais, tornando-se um recurso de criação e crítica nos quadros apresentados por Louise Joor. Tenta-se compreender *como* e *em que* termos a autora desenvolve uma perspectiva ecológica, lidando com temas como catastrofismo e oposições como civilização *versus* natureza e primitivo *versus* moderno.

Palavras-chave:

Kanopé. Louise Joor. Amazônia. Catástrofe ecológica.

Abstract:

Kanopé is a comic book originally published in French language, written and drawn by Belgian comic book author Louise Joor from 2014. The comic book presents a bleak scenario in which the Amazon after a nuclear accident undergoes a kind of mutation. The space of the Amazon rainforest figures as an idea of resistance to the constant natural changes, becoming a resource of creation and criticism in the panels presented by Louise Joor. In this text we seek to understand how and in what terms the author develops an ecological perspective, dealing with themes such as catastrophism and oppositions like civilization versus nature and primitive versus modern.

Keywords:

Kanopé. Louise Joor. Amazon rainforest. Ecological catastrophe.

Introdução

Para além de uma Amazônia entendida como uma realidade concreta, encontram-se outras, marcadas por uma diversidade enorme de matizes discursivas, construídas ao longo do tempo e do espaço. Tais matizes, por serem expressas por diferentes sujeitos históricos das mais variadas culturas, estariam diluídas nas tentativas de se apresentar e representar a Amazônia e, por vezes, tais tentativas perder-se-iam em múltiplas redes que envolveriam também formas de comunicação midiática em nossa contemporaneidade. Destas formas, uma contemporânea, em especial, serve-nos aqui para a compreensão de certas ideias e percepções sobre a Amazônia: as histórias em quadrinhos (também conhecidas como HQs). Debruçamo-nos neste texto sobre questões levantadas por uma produção de temática amazônica. Quando se fala em quadrinhos de “temática amazônica”, pode soar tratar-se exclusivamente de produções da região, ou seja, é comum a suposição de que se trata de uma perspectiva provinciana ou regional, todavia, ao se falar da Amazônia é necessário pensar um enfoque transnacional. Parte-se então do pressuposto que o termo Amazônia, com seus diversos significados, é conhecido internacionalmente, o que nos colocaria a tarefa de compreender como, no caso, uma história em quadrinhos participa na construção de sentidos para esse espaço geográfico e sociocultural. O fato de o termo Amazônia designar também a maior floresta tropical do mundo a torna uma questão global. Em A

invenção da Amazônia, Neide Gondim (2007) chamou a atenção justamente para essa dimensão global, tentando compreender os diferentes modos como a Amazônia foi “fabricada” ou “inventada” ao longo do tempo, tanto pelo olhar estrangeiro quanto pela visão dos nativos. Gondim aponta para como autores de diferentes nacionalidades têm, por vezes, buscado representar esse espaço, recorrendo aos mais diferentes gêneros ou campos discursivos¹. Este texto será espaço para tratar também dessa invenção ainda em curso, compreendendo o entrecruzamento das HQs com o campo da ficção científica. Neste campo, tem se observado igualmente a presença de uma Amazônia marcada também por uma ideia de biodiversidade. Posto isto, nossa reflexão será desenvolvida a partir da obra *Kanopé*, da artista em quadrinhos Louise Joor, nascida em Bruxelas, capital da Bélgica, em 1988.

No primeiro volume de *Kanopé*, percebe-se a construção de uma Amazônia projetada diante de um cenário desolador. Trata-se de um ambiente situado narrativamente dentro dos códigos de uma distopia ecológica (ou ecodistopia), em que elementos de fundo ecológico são permeados por uma atmosfera de pessimismo e, também, no qual são examinados, especulativamente, os impactos de situações adversas ou catastróficas sobre o meio ambiente e como tais impactos produzem mudanças não apenas nas paisagens ecológicas representadas, mas sobre o comportamento humano (Griffin, 2019). Na trama, nosso pla-

1) Na obra, Gondim explora os diferentes modos como a Amazônia foi “fabricada” ou “inventada” tanto pelo olhar estrangeiro quanto pela visão dos nativos. A obra teve sua primeira edição em 1994 e é um estudo importante ao que se refere ao exame das múltiplas e contraditórias interpretações que se fizeram sobre a Amazônia. Pelo fato de diferentes formulações terem se operado ao longo do tempo, faz-se necessário tratar de Amazônias – assim mesmo, no plural. A Amazônia concebida a partir dos ambientes cristãos do Inferno, Purgatório e Paraíso coexiste ainda com a percepção de uma Amazônia como “vazio demográfico”, “vazio cultural”. A visão de uma Amazônia exótica e selvagem, coberta por uma extensa floresta tropical, convive com a de uma Amazônia controlável pela ciência, pela técnica e pela tecnologia. A autora mostra como essa Amazônia inventada foi vista como um lugar onde o humano e o natural são separados e onde o selvagem e o civilizado se contrastam.

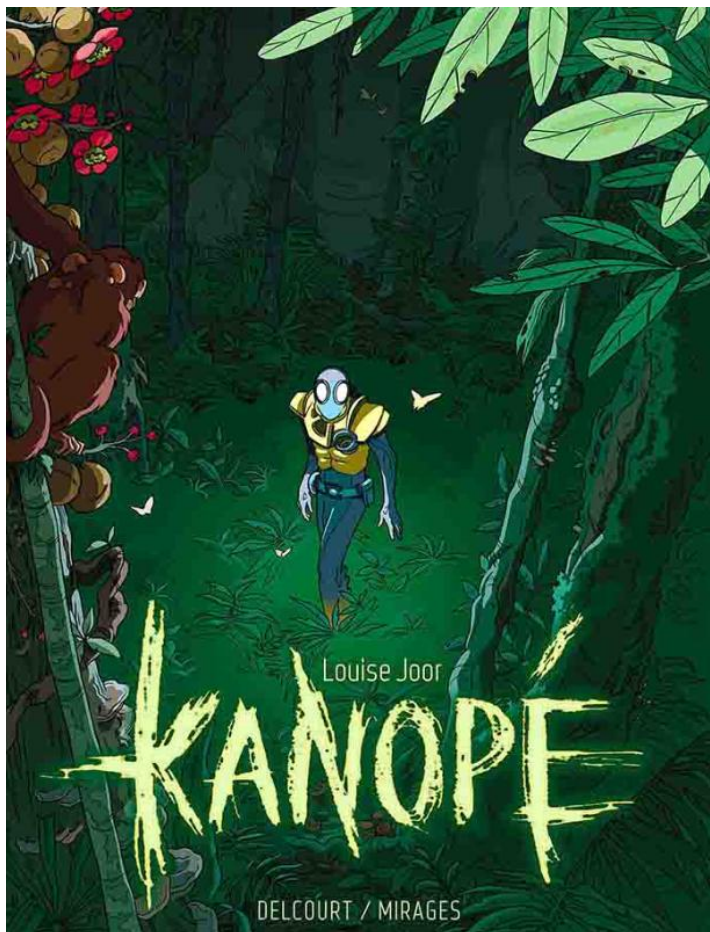


Figura 1: Capa do primeiro volume *Kanopé*, em que é possível ver o horizonte de expectativa de uma obra ambientada no campo da ficção científica. **Fonte:** JOOR, 2014.

neta encontra-se superpovoado e o que resta da humanidade corre o risco iminente de ficar sem recursos. A flora e a fauna praticamente desapareceram da face da Terra, de modo que a natureza sucumbiu diante da civilização. Temos então uma Amazônia representada como uma espécie de oásis, todavia, trata-se de um oásis diferente. Após um evento traumático na região, um acidente nuclear, todo o modo de funcionamento do ecossistema amazônico é alterado drasticamente². A floresta tornou-se um local ainda mais desconhecido, obscuro e a ser evitado pela sociedade externa. O contexto de catástrofe aqui representado visualmente foi estabelecido no ano 2137, o

que, de certo modo, apresentar-nos-ia uma obra caracterizada por uma faceta futurista em uma perspectiva catastrófica. Todos os elementos visuais e motivos narrativos distribuem-se em *Kanopé*, configurando uma ideia de uma Amazônia associada a um evento escatológico de fim do mundo, ou seja, pós-apocalíptico. Vê-se aqui ecos e reverberações do que estaria representado no livro do Apocalipse, considerado o último livro da Bíblia. Isso é entendido, justamente, após uma série de acontecimentos ocasionados por uma explosão nuclear que quase aniquila os seres vivos do local.

O quadrinho, aqui examinado, apresenta uma floresta com uma flora e fauna mutante (figura 2), personagens indígenas que também sofrem mudanças corpóreas (figura 3), uma protagonista jovem branca de cabelo ruivo, *Kanopé*, que vive sozinha em uma casa no alto de uma grande árvore da floresta amazônica, e um rapaz, Jean, que veio da civilização em busca de alguma semente para salvar a sua comunidade (figura 4). Diante disso ele sofreu um acidente em meio à floresta com a utilização de ferramentas tecnológicas de seu trabalho investigativo.

No quadrinho, a Amazônia se enquadra num momento que descreve uma civilização que, diante de seu estágio tecnológico, colapsa. Esse quadrinho é de um subgênero da ficção científica que retrata este tema da natureza após um desastre ambiental de alto impacto. Nesse percurso, Adam Roberts assume que a ficção científica passa por um movimento dinâmico de mudanças e esse movimento não “tem sido uma evolução cultural uniforme; tem acontecido com ritmos diferentes e em diferentes graus pelo mundo

2) É bem possível que a autora tenha escolhido tematizar a ideia da floresta amazônica ter experimentado os efeitos de um acidente nuclear justamente pelas notícias que circulam internacionalmente sobre a exploração de urânio em uma localidade a cerca de 120 quilômetros de Manaus, numa área ainda preservada de floresta. Justamente nessa área se encontra uma das maiores reservas de urânio de nosso país.



* STATUS OF AMAZONIA (STATUT DE L'AMAZONIE).

Figura 2: Representação da fauna e da flora mutantes. Fonte: JOOR, 2014, p. 8.



Figura 3: Representação das mudanças corpóreas nos seres humanos da região amazônica. Fonte: JOOR, 2014, p. 45.

afora. A ficção científica é um importante indicador cultural dessa mudança” (ROBERTS, 2018, p. 62).

O destaque da ficção científica é oriundo do desencantamento do exótico, e as intempéries do homem moderno decorrente da descrença de sua civilização. Nesses fragmentos apresentados nas imagens, no processo de desenvolver os quadrinhos, segundo Scott McCloud (1995), observamos

uma utilização do momento, enquadramento, imagens, palavras e o fluxo da história ou imagens justapostas. Isso pode ser uma combinação com efeitos, por isso é considerada uma espécie de ilusão visual. Em seu trabalho intitulado *Desvendando os quadrinhos* (1995), McCloud, com seus erros e acertos, é feliz em argumentar que o que conhecemos ao nosso redor se faz por meio das experiências vividas pelos nossos sentidos.



Figura 4: Kanopé e Jean. A protagonista feminina representa a natureza, enquanto o personagem a civilização. Ao longo da trama, o relacionamento de ambos se constrói em uma perspectiva de reconciliação entre instâncias, as quais, pelo pensamento moderno, viram-se como irreconciliáveis. **Fonte:** JOOR, 2014, p. 59.

Dessa forma, também podemos compreender um mundo fragmentado e incompleto. Ele afirma que “mesmo uma pessoa muito viajada só pode ver partes do mundo durante uma existência. Nossa percepção da ‘Realidade’ é um ato de fé baseado em meros fragmentos.” (MC-CLOUD, 1995, p. 62). *Kanopé* está nessa linha de contrastes das margens como uma espécie de Amazônia ainda em resistência diante da exploração do colonizador, em um planeta decomposição ainda que após um holocausto nuclear. A autora Louise Joor estudou no Institut Saint-Luc em Bruxelas, o seu pai é livreiro conhecedor de quadrinhos e a sua mãe é designer. Joor expressa o seu interesse pela ecologia em seus trabalhos. Neste caso, ela publicou em 2014, o seu primeiro livro *Kanopé*.

Essa narrativa foi publicada na coleção *Mirages*, da Éditions Delcourt, tradicional casa editorial francesa. A narrativa em quadrinhos de Joor nos coloca diante de questões referentes à ecologia numa vertente que se configura como pós-apocalíptica. Tal verdade, como explicitamos, se realiza por meio de uma releitura a partir da Amazônia. É possível estabelecer paralelismos entre o trabalho

de Joor e as narrativas cinematográficas e incursões quadrinísticas de fundo ecológico do animador japonês Hayao Miyazaki - em particular, *Kaze no Tani no Naushika* (風の谷のナウシカ), traduzido no Brasil como *Nausicaä do Vale do Vento*. Em *Nausicaä* é possível vermos críticas às consequências ecológicas a partir da exploração do capitalismo e da exploração desenfreada dos recursos naturais num completo descaso para as gerações futuras. Miyazaki destaca a fragilidade e o desgaste da Terra diante da perversidade da humanidade e a falta de responsabilidade social com os recursos naturais. *Nausicaä*, assim como *Kanopé*, pode ser considerada como uma espécie de narrativa de tema ambiental/ecológico, em que a linguagem do quadrinho se torna ferramenta para especular sobre questões que incomodam os autores.

Nas últimas três décadas, as histórias em quadrinhos têm acompanhado uma tendência verificada em outros produtos culturais: apresentar a sociedade atual à beira de uma iminente crise ecológica, marcada pela escassez ou destruição de recursos essenciais. Isso contribui para que os quadrinhos se vinculem às temáticas ambientais.

Como material representativo, podemos citar títulos elaborados também na década de 2000, em diferentes tradições quadrinísticas. O primeiro deles é o mangá *SandLand* (サンドランド), lançado em apenas um único volume em 2000 por Akira Toriyama (mais conhecido, internacionalmente, por ser o autor de *Dragon Ball*). Outra obra é a HQ *Animal'Z*, lançada originalmente pela Casterman em 2009 e de autoria do desenhista e roteirista de histórias em quadrinhos Enkil Bilal. Ambos os títulos apresentam, assim como *Kanopé* e *Nausicaä*, um cenário catastrófico, no qual desastres ecológicos e climáticos afetaram o mundo. Todavia, concentram sua atenção no problema da água potável, que passou a ser um recurso cada vez mais disputado. Quadrinhos como esses, pela forma como constroem posicionamentos, acabam por se inserir em um terreno de disputa e de negociação, que reproduz em nível cultural os conflitos fundamentais da sociedade.

Desse modo, fazem, inconscientemente ou não, algo que o filósofo norte-americano Douglas Kellner aponta em suas reflexões sobre os produtos da cultura da mídia de maneira geral (KELLNER, 2001, p.134). Remetemo-nos aqui à noção de crítica diagnóstica, elaborada por Kellner, nas páginas de *A Cultura da Mídia*, para assinalar as perspectivas críticas, que produtos da cultura da mídia podem oferecer respostas para temas importantes de natureza política e social.

Kanopé, em virtude dos temas que evoca, pela relação que mantém com a ficção científica, recebeu uma menção especial no festival *Utopiales* e também um prêmio "Avenir", nos prêmios de Saint-Michel. O quadrinho ganhou uma continuidade em 2019. Em 2016, Joor publicou "*Neska du clan du lierre*" e depois desenvolveu em 2017 com a ideia de fábula ecológica.

***Kanopé* e uma Amazônia em um cenário de tensões entre a civilização e a natureza**

Em *Kanopé* nota-se um contraste entre a Amazônia, em sua representação como meio ou paisagem natural, e o que se poderia compreender como a civilização. Esta última seria correspondente ao mundo externo, ao que é distanciado da floresta e de seus seres vivos. Tanto a floresta quanto os seres que a habitam, mesmo diante das adversidades, parecem aqui associados às categorizações de primitivos, não implicando nisso um caráter depreciativo. Há, ao longo da trama, uma perspectiva que relaciona esse caráter de primitivo com a ideia de resistência desse meio diante de fatores e elementos de ordem externa.

Supõe-se que a Amazônia apresentaria, embora esteja fragilizada pelo acidente nuclear, formas de resistência que se opõem a todo e qualquer contexto opressor e explorador dos seus recursos. Além disso, há um destaque ou visibilidade cultural dos povos que seriam integrantes desse meio, que, da mesma forma que a própria ideia de natureza, tentar-se-iam permanecer intocáveis e distanciados de quaisquer fenômenos sobrenaturais ou insólitos. É justamente nesse ponto, que por meio dos personagens, vemos a construção de uma narrativa direcionada às tentativas de sobrevivência dentro de um cenário de desolação e de catástrofe ecológica. Constata-se, assim, a presença, na obra, de um diálogo com temáticas do fim da civilização ocidental ou espaço social em busca de outro espaço para a sua sobrevivência.

A natureza carrega também a presença de uma riqueza em outra forma, por isso o jovem da civilização visita esse outro espaço da Amazônia para retomar, pois, apesar do espaço amazônico ter possibilidades de autorreconstrução, ainda ele segue uma caracterização fora da lógica das exigências

sociais do mundo ocidental. Assim, neste quadrinho, os trabalhos no campo científico com foco na tecnologia e ecologia, especialmente, na Amazônia, ganham mais descrições num estilo artístico de Joor. Retoma-se, deste modo, a diferença da visão de uma Amazônia marginal e reestruturada. Esse quadrinho é uma tentativa de estabelecer uma relação da tecnologia, ciência, povos, seres vivos com uma floresta recriada em um momento pós-apocalíptico.

Kanopé traz também, como problemática cultural, a representação de povos nativos que não podem simplesmente carregar um objeto futurista para distinguir o progresso para se tornar uma espécie de “super-humano”. Precisamos destacar um contexto social e político para resgatarmos a memória desses povos, com isso o espaço é configurado para que vejamos novas oportunidades de recomeçar como uma forma de resistência social de dominação e manipulação desses povos.

No caso da Amazônia de *Kanopé* destaca uma forma de reconstrução dos espaços de origem desses povos exterminados pelo colonizador e suas tecnologias que podem se tornar autodestrutivas mediante as suas manipulações desreguladas e ambiciosas pelos humanos. Assim, o tema da alteridade também entra nessa discussão para contemplar o outro e suas perspectivas num processo histórico omissivo, mesmo diante de um tempo e do espaço ocidental. Além disso, o tempo para os povos da região é contado naturalmente como algo diferente da sociedade capitalista.

A abordagem da quadrinista recupera um espaço brasileiro, considerado a maior floresta do mundo, que anda constantemente explorado e trata a mulher como uma personalidade de resistência em meio a sua comunicação de modo harmônico com a região diante de violências drásticas. No artigo “Corpos-territórios no enfrentamento

a megaprojetos extrativistas: reflexões sobre formas de (r)existir e viver a partir dos territórios de Abya Yala”, Joana Emmerick Seabral (2020) afirma:

Essas violências afetam com especial perversidade mulheres que atuam na defesa dos territórios e da vida e sofrem com os ataques sistemáticos dos agentes da devastação. São essas mulheres que atualizam, assumindo todos os riscos, as estratégias coletivas e comunitárias de solidariedade e cuidados para com as vidas humanas e não humanas no enfrentamento das políticas de morte e genocídio do governo ultraliberal, racista e misógino brasileiro (SEABRAL, 2020, p.35).

Assim, em *Kanopé* observa-se essa violência no espaço de mulheres que defendem os seus territórios de vivências para além das sobrevivências. O fim da humanidade, com as grandes cidades “engolindo” as florestas, em algum momento precisaram entrar em acordo com as vivências comunitárias. *Kanopé* traz esse espaço amazônico deformado e monstruoso-mutante pelas figuras de seus animais e personagens que apresentam um certo horror pelo homem branco.

Louise Joor traz reflexões acerca da imagem da Amazônia separada como uma sociedade excluída, mas a natureza ainda é, simultaneamente, dominante e presente em meio ao espaço abandonado e excluído da sociedade. Neste contexto, consideramos as obras desenvolvidas com os temas da região que consideram as peculiaridades do local e das vivências de caráter regional manifestadas, e não somente por limites territoriais impostos na geografia desse meio. Assim, as imagens ou linguagem não verbal do quadrinho descreve uma floresta ou uma mata como uma espécie de convite para uma reflexão da crítica cultural dos povos originários. Nesse sentido, poder-se-ia

dizer, considerando as formulações de Barbara Postema, que

Cada quadro, como um significante, oferece uma certa quantidade de informação, que é repensada em cada novo quadro, e, quando necessário, revisitando quadros anteriores. Os quadrinhos requerem um processo de ressignificação retroativa em que se deve voltar continuamente para reconsiderar significados e construir novos sentidos conforme se avança no texto (POSTEMA, 2018, p. 84).

Todas as composições das histórias em quadrinhos precisam de uma sequência, não necessariamente em quadros, mas que siga uma ordem interna da narrativa na paginação e diagramação com um enquadramento das imagens e personagens. Por exemplo, nos quadrinhos de *Kanopé* temos sequências de legendas ou onomatopeias que são construídas pelas páginas para dar uma ideia de movimento dos acontecimentos da personagem diante dos animais monstruosos decorrentes de suas mutações.

A capa do quadrinho (ver novamente a figura 1) descreve um universo da floresta e um ser com roupas específicas de um tempo futuro como uma forma de compreensão do futuro. No canto esquerdo tem-se um macaco de costas, pendurado na árvore, com uma espécie de mutação decorrente da exploração humana da natureza. Nota-se o contraste do verde com a roupa futurista e cheia de aparatos tecnológicos em cores azul e amarela do personagem masculino, no meio de uma floresta que lhe parece estranha e misteriosa.

A descoberta de uma floresta imensa, parece ter um poder natural diante do humano, porém sem uma cobrança por seu espaço. Na capa é possível visualizar essas diversidades ricas da floresta

desconhecida por uma espécie de “herói” ou “vilão”. O começo da história é decorrente da queda de um personagem que adentra a floresta após cair de um precipício e ser surpreendido por robôs.

A Amazônia é considerada uma espécie de reserva desconhecida pela sociedade do futuro. A floresta, um lugar supostamente utópico, pode ser vista na página destacando a presença de araras em seus habitats naturais sobre uma possível árvore chamada Sumaúma. O espaço é de resistência.

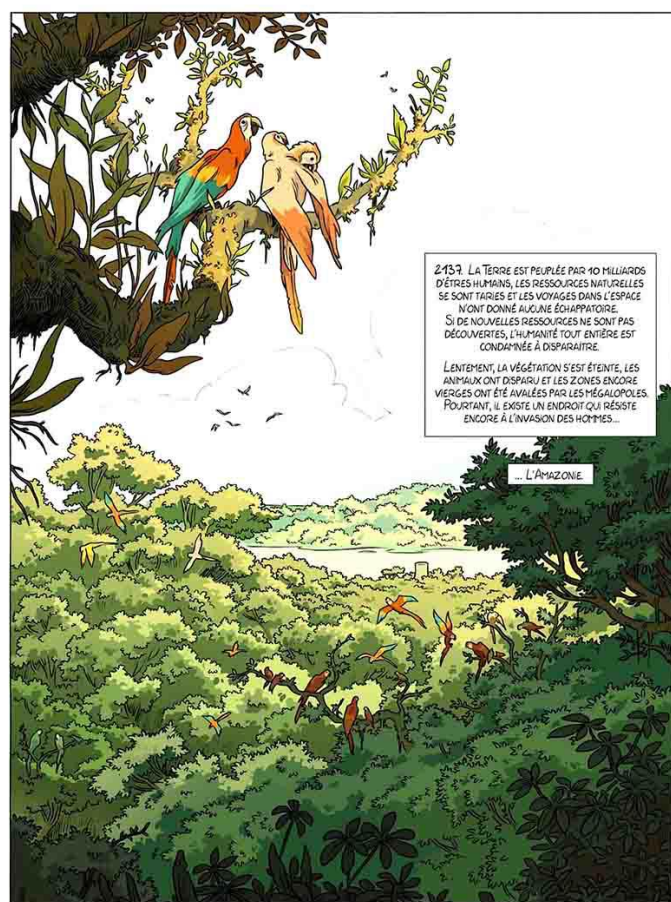


Figura 5: Amazônia em Kanopé. Fonte: JOOR, 2014, p. 7

Na página acima é possível visualizar um cenário que expressa a tensão entre uma Amazônia caracterizada como “natureza intocável” e a presença humana, representada pela chaminé de uma usina nuclear. O leitor, ao ter contato com essa página, deparar-se-ia com essa presença

que está timidamente localizada. Abaixo reproduzimos esse pequeno detalhe:



Figura 6: Destaque mostrando ao fundo a chaminé da usina nuclear. **Fonte:** JOOR, 2014, p. 7

Em um momento posterior, a chaminé ganha maior destaque dentro da trama:



Figura 7: Destaque. **Fonte:** JOOR, 2014, p. 7

Uma importante literatura tem discutido sobre a impossibilidade da existência de uma “natureza intocada”. Afinal, até a ideia de natureza só existe em virtude da presença humana. Deste modo, a floresta amazônica também seria um ambiente modificado pela ação humana (SLATER, 2001), não apenas material ou objetivamente, mas também pelos discursos que são produzidos sobre essa paisagem. Após um acidente nuclear, resultado notadamente da presença humana, a região passa a ser difícil de ser habitada. O que se entende como

natureza resistiu mesmo diante das criações químicas e destruidoras do homem explorador. Os impactos após essa explosão deixam a Amazônia com a sua biodiversidade afetada e transmutada, como os seres maiores do que o habitual. O planeta Terra parece estar em vulnerabilidade e a humanidade corre o risco de desaparecer, caso não encontre novos recursos. A página acima descreve que a Amazônia ainda persiste ao longo do tempo e:

2137 A Terra é povoada por 10 bilhões de seres humanos, os recursos naturais secaram e as viagens espaciais não renderam nenhuma fuga. Se novos recursos não forem descobertos, toda a humanidade está condenada a desaparecer. Lentamente a vegetação se tornou escassa, os animais desapareceram e as áreas intocadas foram engolidas pela megalópole. No entanto, há um lugar que ainda resiste à invasão da humanidade... a Amazônia. (JOOR, 2014, p. 7)

Os impactos da exploração da natureza ainda não deixam a Amazônia ser destruída completamente na narrativa. A ambição do ser humano em construir lares em outros planetas não vingou e não existem recursos naturais suficientes para a existência da civilização. A autora, Joor, constrói uma trama onde o espaço da civilização é caracterizado como se fosse um “personagem em crise” e a Amazônia fosse a única oportunidade de progresso, pois os animais e a flora são considerados “sujeitos” importantes para a manutenção de vida no planeta. Joor parece aqui se apropriar da representação comumente conhecida das florestas tropicais como o “pulmão do mundo”, para denunciar os efeitos do capitalismo e dos maus usos da técnica e tecnologia sobre o meio ambiente.

Os animais e povos que habitam a região ganham outras leituras corpóreas após a degradação da natureza com a toxicidade

da explosão nuclear. Os corpos da região destacam uma deformação em relação à sua natureza de origem, mas todos aprendem a se adaptar após os impactos ambientais. Já a flora também permanece e apresenta um maior crescimento apesar da catástrofe ambiental. O personagem Jean pensa que a flora salvará a humanidade.

A narrativa apresenta uma personagem perdida, em meio a floresta que resistiu a uma catástrofe (na obra, “a grande catástrofe”. No original, “la grande catastrophe”). Isso já contempla uma imagem de lutas que a personagem enfrenta no decorrer da trama. Uma das lutas se faz contra o seu passado familiar. Outro conflito se faz diante do contexto monstruoso da Amazônia que tenta a engolir (algo que ocorre por di-

versas vezes no primeiro volume, como, por exemplo, na cena em que Kanopé enfrenta um grande felino mutante).

A personagem, em sua jornada de auto-conhecimento, vai constatar que a Amazônia, mesmo em um contexto pós-catástrofe, ainda mantém uma peculiaridade de vivências naturais e também de cunho social. Kanopé cultiva os seus medos de tentar se aproximar de uma aldeia próxima (que, assim como a fauna e a flora, também passou por essa espécie de mutação tóxica). Depois, as lembranças da morte de seu pai atordoam Kanopé, após encontrar Jean. Em seguida, ao enfrentar a aldeia e passar viva por obstáculos, ela ajuda o rapaz em seu retorno para a civilização, denotando um limiar de esperança para um mundo utópico e para a humanidade nesse quadrinho sintonizado com questões ecológicas.

Figura 8: Página que mostra cenas finais do primeiro volume de Kanopé, marcando o retorno de Jean para a civilização. **Fonte:** JOOR, 2014, p. 7



126

Aqui, pode-se discutir sobre noções como a ideia da Amazônica enquanto espaço de natureza intocada, como uma noção de oásis. Pode-se discutir temas como civilização x barbárie, natureza x técnica. Além disso, é uma visão exógena, externa da Amazônia.

Considerações finais

Considera-se que a Amazônia se torna uma espécie de lugar inalcançável e não habitável por pessoas das grandes cidades por sua vasta floresta. Assim, a narrativa de Joor nos apresenta de forma crítica, uma floresta ameaçada e que ainda resiste diante dos acontecimentos imprevisíveis e misteriosos, após as destruições dos seus recursos. A possibilidade dos recursos naturais como formas de construção das novas gerações também tem destaque no quadrinho. A floresta aparece como espaço de criação de mecanismos de sobrevivência diante da ameaça e ataques do colonizador.

Kanopé traz uma Amazônia desamparada e que ainda resiste diante dos impactos ambientais num contexto futurista, marcado por uma ideia de catastrofismo. Nesse sentido, a humanidade com os avanços tecnológicos trata a natureza como uma preciosidade. Isso reconsidera o espaço Amazônico como mais um local de alento para os egos da humanidade.

Referências

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Trad. Luís Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*, 2ª edição, Manaus: Editora Valer, 2007. (Série: Memórias da Amazônia).

Griffin, Dori. "Visualizing Eco-Dystopia." *The Journal of the Design Studies Forum*, Vol 10,

Issue 3, 13 Mar 2019, pp 271-298.

JOOR, Louise. *Kanopé*. Paris: Editions Delcourt, 2014.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

POSTEMA, Barbara. *Estrutura Narrativa nos Quadrinhos: Construindo sentido a partir de fragmentos*. Traduzido por Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis, 2018.

SEABRAL, Joana Emmerick. *Corpos-territórios no enfrentamento a megaprojetos extrativistas: reflexões sobre formas de (r)existir e viver a partir dos territórios de Abya Yala*. In.: *Mulheres Amazônidas: ecofeminismo, mineração e economias populares*. 1 ed. Brasília: Inesc - Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2020.